

A história do general de 4 estrelas dos EUA que casou em Rabo de Peixe e viveu na Terceira

POR EURICO MENDES, NOS EUA

Escrevo esta crónica no dia 29, quando terá lugar em Cleveland, Ohio, o primeiro dos três debates entre o presidente republicano Donald Trump e o seu oponente, o ex-vice-presidente democrata Joe Biden, que aparece como favorito nas sondagens para a eleição presidencial de 03 de novembro nos Estados Unidos.

Biden lidera Trump por oito pontos percentuais em todo o país, 49% a 41%. As pesquisas sobre esta corrida presidencial têm sido consistentes há meses: desde maio, Biden liderou entre cinco e nove pontos, mas provavelmente precisará ganhar o voto popular nacional por vários pontos para ganhar o Colégio Eleitoral.

Não faltam temas para debater e o mais sensacional é a reportagem que o New York Times publicou este domingo revelando que Trump pagou apenas \$750 em impostos federais para o ano de 2016, quando chegou à Casa Branca, e o mesmo valor em 2017, o seu primeiro ano de mandato. Enquanto isso, um trabalhador sem filhos que ganhasse \$18.000 teria pago \$760 em imposto de rendimento federal, mais \$10 do que Trump pagou.

A congressista democrata Alexandria Ocasio-Cortez já disse que Trump pagou menos impostos federais do que pagam muitos imigrantes sem documentos.

Embora os impostos dos americanos ricos tenham caído drasticamente nas últimas décadas, a maioria ainda paga caro ao governo federal. Um bilionário típico paga dezenas de milhões de dólares em impostos federais sobre os seus rendimentos. Mas Trump não pagou impostos em 11 dos 18 anos que a investigação jornalística analisou, entre 2000 e 2017.

Trump inicialmente pagou 95 milhões de dólares em impostos nos 18 anos que os jornalistas analisaram, mas conseguiu recuperar 72,9 milhões de impostos federais e 21,2 milhões em impostos locais e estaduais, apresentando como custos de negócios as suas casas, aviões, campos de golfe e até 75 mil dólares em cortes de cabelo.

Isso ilustra como é fácil para os ricos manipularem a sua carga tributária e pagarem menos do que nós. As idas de Trump ao cabeleireiro são uma despesa de negócios.

Conseguiu fazer isso porque muitas das suas empresas relatam perder grandes quantias de dinheiro – o que reduz o seu rendimento tributável – e porque se envolveu em práticas fiscais questionáveis. Mesmo ao declarar prejuízos, ele conseguiu desfrutar de um estilo de vida luxuoso ao fazer deduções fiscais sobre o que a maioria das pessoas consideraria despesas pessoais.

Segundo o New York Times, Trump que repetidamente se gaba de negócios supostamente bem-sucedidos e exemplos da sua suposta boa administração,

está a dever 421 milhões de dólares em empréstimos que vencem em 2022 e não se sabe como irá pagar.

Trump tem interesse em continuar na Casa Branca e daí afirmar que, se perder, poderá não aceitar os resultados da votação e lançar o país numa crise constitucional.

Habitualmente, os militares no ativo tentam permanecer apolíticos quando se trata de eleições, mas desta vez o Pentágono viu-se envolvido com Trump pretendendo invocar o Insurrection Act para colocar militares nas ruas para lidar com os manifestantes civis, enquanto ele continua a alimentar divisões em todo o país na corrida para as eleições.

O presidente da Junta de Chefes de Estado-Maior, general Mark Milley, e o chefe do Estado-Maior do Exército, general James McConville, não morrem de amores por Trump e o presidente também não simpatiza muito com eles, tanto que acusou os generais de travarem guerras para aumentar os lucros das empresas fabricantes de armamento.

No livro Rage (Raiva), que começou a ser vendido a semana passada, Bob Woodward pinta o retrato de uma Administração Trump febril e errática, semelhante ao comportamento do presidente à frente da sua conta no Twitter e conclui que “Trump é o homem errado para o cargo”.

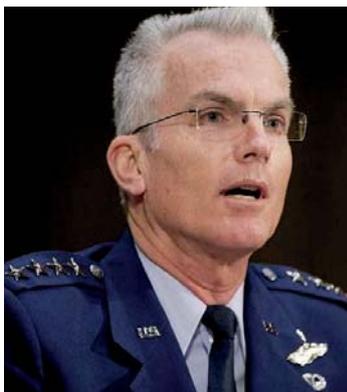
Segundo Woodward, Trump considerou os seus “malditos generais, que são um bando de maricas”. Ainda assim, vem fazendo esforços para conseguir o seu apoio e foi agora divulgada uma carta aberta assinada por 235 militares aposentados apoiando a reeleição de Trump.

Essa carta, que foi assinada por oito ex-generais de quatro estrelas, afirma que os signatários “acreditam que o presidente Donald Trump está comprometido com uma América forte” e que, como presidente, “ele continuará a proteger as nossas fronteiras, derrotar os nossos adversários e restaurar a lei e a ordem internamente”.

Mas na verdade, segundo a CNN os principais comandantes do Pentágono estão cada vez mais exaustos e preocupados com o seu relacionamento com o presidente e depois da carta aberta assinada por 235 militares aposentados apoiando a reeleição de Trump, surgiu dia 24 de setembro uma outra carta aberta assinada por 489 ex-líderes da segurança nacional, incluindo 22 generais de quatro estrelas, que apoiam o candidato democrata Joe Biden.

“O próximo presidente herdará uma nação – e um mundo – em turbulência”, diz a carta. “O atual presidente demonstrou que não está à altura das enormes responsabilidades do seu cargo; ele não pode levantar-se para enfrentar desafios grandes ou pequenos”.

“Joe Biden tem o caráter, os princípios, a sabedoria e a liderança necessários para enfrentar um mundo em chamas”, conclui a carta organizada



pelo contra-almirante aposentado Mike Smith.

A lista de subscritores também inclui antigos membros de governos democratas, como a ex-assessora de segurança nacional de Obama, Susan Rice, a ex-secretária de Estado Madeleine Albright e o ex-adjunto do Departamento de Estado, Richard Armitage, que serviu na administração de George W. Bush.

Para Rice, “Trump denegriu o cargo de presidência e fez dos Estados Unidos um pária em alguns aspetos do cenário mundial e por isso precisamos de uma mudança decisiva”.

“Graças à sua atitude desdenhosa e aos seus fracassos, os nossos aliados não confiam mais em nós, e os nossos inimigos não nos temem mais. A mudança climática continua inabalável, assim como o programa nuclear da Coreia do Norte. O presidente cedeu influência a um adversário russo que coloca recompensas pelas cabeças dos militares americanos, e a sua guerra comercial contra a China só prejudicou os fazendeiros e fabricantes da América”, diz a carta.

Entre os signatários da carta está o general de quatro estrelas luso-descendente Paul Joseph Selva, que, a 5 de maio de 2015, o presidente Barack Obama nomeou para o cargo de vice-presidente do Joint Chiefs of Staff (Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas), um grupo de militares que aconselham o presidente. Selva continuou a exercer aquelas funções durante os primeiros dois anos e meio do governo Trump.

Como o segundo militar de mais alta patente, Selva ocupava um lugar na primeira fila em grandes crises, como tensões com a Coreia do Norte que quase iniciaram uma guerra.

No livro de Jim Sciutto, da CNN, “The Madman Theory: Trump Takes on the World”, um ex-alto funcionário disse que Selva e outros funcionários do Pentágono ficaram pasmados com o facto da Casa Branca ter proposto uma ação militar direta contra o Irão quando, em setembro de 2018, alguns morteiros caíram perto da embaixada dos EUA na Zona Verde fortificada de Bagdad, não causando vítimas ou danos graves.

Após quatro anos como vice-presi-

dente do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, o general da Força Aérea Paul Joseph Selva encerrou a sua brilhante carreira militar de 39 anos em 31 de julho de 2019, reside em Seattle e agora decidiu apoiar publicamente o candidato democrata à Casa Branca.

Paul Selva nasceu a 27 de dezembro de 1958 em Biloxi, Mississippi, mas foi criado na ilha Terceira, Açores. É filho de Domingos Trindade Selva, natural de Rabo de Peixe, São Miguel. Em 1949, Domingos Selva alistou-se na Força Aérea Portuguesa, quis ser radiotelegrafista e foi tirar o curso a Lisboa. Regressou à Base das Lajes e, como falava inglês, foi escolhido com mais dois colegas para tirar um curso de radar nos Estados Unidos. Foram parar à Base Aérea Keesler em Biloxi, Mississippi, onde Domingos começou a namorar a jovem americana Mary Margaret.

Regressado a Portugal, Domingos pediu passagem à disponibilidade. A namorada foi ter com ele a São Miguel e casaram na igreja do Bom Jesus de Rabo de Peixe a 4 de dezembro de 1954. Ela fez carta de chamada no consulado dos Estados Unidos em Ponta Delgada e quatro meses depois Domingos já estava em Biloxi, trabalhando na Base Keesler. Decorridos cinco anos, já com três filhos e a cidadania americana, foi com a família visitar os pais aos Açores, deu uma saltada às Lajes e convidaram-no para técnico dos Air Force Engineering and Technical Services do destacamento americano, um contrato de 18 meses que haveria de prolongar-se por 33 anos.

Nos Açores acabariam por nascer-lhes mais três filhos e os seis tiraram o High School nas Lajes e só vieram para a América para os cursos superiores. Dos rapazes, dois enveredaram pela Força Aérea: o general Paul Selva, e o coronel Michael Selva, que vive em Colorado Springs. Três tiraram Medicina, mas só dois exercem e ambos são pediatras: Dennis A. Selva, de Atlanta; Thomas Selva, pediatra em Columbia e professor na Missouri University. Margaret Allen, de Raleigh, NC, graduou em Biológicas e começou na Medicina, mas desistiu e agora é mãe de seis filhos e dona de casa. Finalmente, Mary Louise Katnik, que se formou em contabilidade e trabalha numa rede de pequenos bancos rurais na área de Jefferson City, MO.

Domingos e a esposa reformaram-se em 1991 do Departamento de Defesa e, depois de 33 anos nos Açores, regressaram aos Estados Unidos, onde tinham espalhada a sua ninhada de seis filhos e 15 netos. Inicialmente residiram no Mississippi, donde a esposa é natural, mas decorridos dez anos foram para junto dos dois filhos que vivem no Missouri e fixaram-se em Jefferson City.

Mary Margaret Selva faleceu em 19 de dezembro de 2019, Domingos perdeu a companheira de 70 anos.